

A LUDICIDADE NA CIDADE DE JEQUÉ-BA: ESPAÇOS E TEMPOS DE LAZER E APRENDIZAGENS PARA AS CRIANÇAS

Marilete Calegari Cardoso
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Ana Lúcia Santos Souza
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Maria Vitória da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Este artigo resulta de uma investigação acerca da ludicidade nos espaços públicos da cidade de Jequié-BA e relação desses ambientes com a participação e desenvolvimento infantil e da comunidade. O propósito deste texto é dar visibilidade aos espaços/tempos lúdicos deste município, buscando compreender por quem são utilizados e como são potencializados para as crianças. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que se desenvolve com uma análise de documentos feita com base nos relatórios e registros fotográficos apresentados por estudantes de Pedagogia de uma instituição de ensino superior do estado da Bahia. Os dados analisados constataram que existem vários espaços urbanos no município de Jequié-BA, os quais, desde que foram criados, apresentam características de territórios lúdicos, outros vão se tornando lúdicos por conveniências pontuais. Percebemos também, que a iniciativa popular tem sido fundamental para a criação de espaços de encontro, lazer e brincadeiras, devido à precariedade de ações oriundas da gestão municipal. Concluímos que as praças representam um espaço lúdico fundamental para a experiência com o brincar, tanto de crianças, como dos adultos, permitindo a vivência de forma simples e prazerosa.

Palavras chave: Cidade. Territórios lúdicos. Desenvolvimento infantil.

Introdução

Cada pessoa, seja crianças, adolescentes ou adultos, possui modos próprios de compreender e interagir com o mundo. Uma das formas é a partir de experiências lúdicas vividas em diferentes espaços e tempos, potencializando a constituição de conhecimentos, culturas e subjetividade, bem como, a recriação de significados e sentidos construídos sobre a própria vida.

O termo “educação ao longo da vida”, conforme explica Vulbeau (2012, p. 35), designa a interação do sujeito com o tempo e espaço. Para o autor citado, a educação se insere num campo temporal contínuo: nunca se termina de aprender, porque sempre há a necessidade de atualizar os conhecimentos para continuar sendo operacional num mundo de

mutação. No quesito relação espacial, os lugares de formação são diversos, conforme as idades e os momentos de vida, desde os lugares formais (institucionalizados com todo tipo de formações), passando por espaços informais.

Esta nova perspectiva de educação, baseada em aprendizagens informais, coloca o sujeito aprendiz no centro de sua formação, e vincula a cidade com os fenômenos e processos educativos, por ser entendida, tanto como espaço físico e material (praças, ruas, monumentos e etc.), quanto como espaço simbólico e político, com suas instituições, seus atores e seus ritos (VULBEAU, 2012, p. 35). Nesse sentido, temos interesse em abordar a temática ludicidade ao longo da cidade, no centro da problemática deste estudo, por compreender que o lúdico cruza diferentes tempos (passados, presentes e futuros) e lugares de uma cidade, sendo marcado, ao mesmo tempo, pela continuidade e pela mudança.

Em estudos aprofundados de Contrim e Bichara (2012), os espaços públicos urbanos, como um dos ambientes que faz parte do dia-a-dia das pessoas, possuem fundamental importância na compreensão do lúdico e do lazer para vida, já que as suas peculiaridades e formas de organização podem afetar sobremaneira os tipos de usos e adaptações que os sujeitos sociais fazem desses espaços, assim como a forma como cada um se relaciona com os outros.

A falta de tempo/espaço para o brincar encontra ressonância também na ausência de espaços de lazer e diversão nas casas e nos bairros periféricos da cidade, conforme nos apontam D'ávila, Cardoso e Xavier (2018). As autoras observam ainda que, agrava a este problema, a frágil compreensão dos adultos sobre a importância desse tipo de atividade, e a violência urbana. Além disso, “a rua, do ponto de vista dos adultos, é vista como lugar perigoso, pouco apropriado para o exercício da liberdade” (PIMENTEL, 2015, p.719).

Essa problemática se entrecruza com problemas reais em relação à categoria espaço de ludicidade e a categoria tempo livre, entendido aqui como oposição ao tempo ocupado, ou seja, o tempo livre de trabalho. Podemos destacar as lamúrias da falta de espaços com lazer na cidade, ou, por outro lado, com a queixa do tempo não disponível, como: “o tempo está fugindo[...] o tempo corre como um potro enlouquecido!”, como é apontado por De Mais (2001, p.16). Esses fenômenos vêm ocorrendo desde os últimos séculos, com a sociedade industrial que vem fragmentando e estabelecendo “uma separação tão precisa quanto artificial entre o tempo dedicado à aprendizagem, tempo dedicado ao trabalho e o tempo dedicado ao descanso, à diversão e o cultivo do prazer.” (DE MAIS, 2001, p.23).

Reconhecemos os espaços públicos da cidade de Jequié- BA (praças, ruas, monumentos e etc), como territórios de significações que indicam, além de lazer, outras éticas e estéticas da rua na convivência urbana, como potência de aprendizagem às crianças e adultos. Partindo dessa premissa, as reflexões a que este artigo convida têm origem numa pesquisa em desenvolvimento, baseada no estudo de Contrim e Bichara (2012), acerca das brincadeiras nos espaços públicos urbanos da cidade de Salvador – BA. Em nossa investigação, propusemos a realizar um levantamento amostral dos diversos movimentos de construção dos espaços/tempos lúdicos e de lazer existentes na cidade de Jequié-BA, e de que maneira são potencializados, como meio de convivência urbana e de diversificação de práticas e saberes. Destacamos nossos olhares para as características desses espaços tanto em termos físicos, quanto sociais, enfatizando os objetos presentes e a participação de crianças e adultos nestes ambientes. Para este trabalho, buscamos dar visibilidade aos espaços de ludicidade na cidade supracitada, apresentando como vem sendo construídos estes ambientes lúdicos de lazer e aprendizagem às crianças, ao mesmo tempo em que apresentamos um levantamento dos espaços lúdicos planejados para o uso infantil e locais não planejados para crianças, mas ocupado por elas.

Ludicidade na cidade: espaço e tempo de lazer e aprendizagem

O lúdico faz parte da vida do homem desde o surgimento e evolução da civilização (HUINZIGA, 2004), e, ao longo da história, é visto como a possibilidade do exercício da criatividade humana. A etimologia do vocábulo *lúdico*, surge do latim *ludus* que significa brincar, recrear ou jogar. O termo ludicidade não é dicionarizado, pois é uma construção polissêmica (BROUGÈRE, 1998). Assim, no intuito de tentar abranger os variados termos, existe o termo *ludo* e, modernamente, o neologismo *ludicidade*.

A ludicidade vem sendo estudada como um fenômeno de valor significativo comprovado nas diversas áreas do conhecimento, como antropologia, história, sociologia, psicologia e pedagogia. Esses estudos, apesar de terem enfoques diferentes, têm nos auxiliado na compreensão da importância dessa prática para a vida de qualquer ser humano, especialmente da criança (CARDOSO, 2008, 2018). O fenômeno lúdico, conforme Maffesoli (2001), se dá de forma global e profunda, apostando em um “paradigma estético”, que indica o espírito de vibrar e sentir em comum, tendo as emoções como vetor social. Para o autor, “o jogo, em suas diversas manifestações, não é virtuoso nem pecador, ele é a

expressão bruta ou refinada de um querer-viver fundamental, de um fluxo vital que nada devem à ética ou à lógica” (MAFFESOLI, 2001, p. 195). Por isto, o fenômeno da ludicidade é complexo e está presente em todas as culturas, cada qual com suas especificidades (CARDOSO, 2018).

Segundo Lopes (2005), a ludicidade contrapõe-se à clássica oposição trabalho versus divertimento, definindo como:

[...] uma condição de ser do humano que se manifesta diversamente, nomeadamente, nas experiências do humor, brincar, jogar, recrear, lazer e construir jogos e brinquedos analógicos ou digitais. A condição humana da ludicidade não está subjugada a calendários ou imposições institucionais surgindo em qualquer contexto situacional. (LOPES, 2005, p.459)

A ludicidade, como descreve a autora, manifesta-se diversamente, sendo potencializadora da intercompreensão, da comunicação humana. As manifestações lúdicas, por se tratarem de fenômeno comunicacional - depende de interação social e intersubjetiva. Por isso, elas podem ocorrer em qualquer situação cotidiana, dependendo, para tanto, da decisão deliberada (intencional ou consciente) do(s) seu(s) protagonista(s) para interagirem desse modo (LOPES, 2015).

Para Luckesi (2005, 2014), a ludicidade tem o sentido de fortalecer o desenvolvimento integral do sujeito, seja ele, criança, adolescente ou adulto. O autor citado define a ludicidade “como um estado de consciência, onde se dá uma experiência em estado de plenitude [...] estado interno do sujeito que vivencia a experiência lúdica (LUCKESI, 2005, s/p). Para ele, o que caracteriza o lúdico é a experiência de plenitude que ele possibilita a quem vivencia em seus atos.

Encontramos também nos estudos de Leal e D’ávila (2013), a ludicidade como princípio formativo, esse conceito se articula a três dimensões:

a) a de que as atividades lúdicas são criações culturais, são atos sociais, oriundos das relações dos homens entre si na sociedade; b) a ludicidade é um estado de ânimo, um estado de espírito que expressa um sentimento de entrega, de inteireza, de vivência plena, e diz respeito à realidade interna do indivíduo; c) nesse sentido e pensando a ludicidade como princípio formativo, defendemos a ideia de que as atividades lúdicas como aquelas em que o ser humano precisa integrar suas capacidades de pensar, agir e sentir. (LEAL; D’ÁVILA 2013, p.42)

Neste sentido, todas as manifestações de ludicidade oferecidas em locais urbanos, em tese, potencializam experiências de lazer e aprendizagem, conforme descreve Brougère (2012, p.128). Como exemplo, citamos as vivências de múltiplas atividades livres de diferentes natureza: físicas, manuais, intelectuais, culturais, que supõem ações de lazer, de

esforços ou não, pois são diferentes formas lúdicas vivenciadas de forma espontânea que remetem ao prazer e o divertimento. Por isso, a ludicidade potencializa o momento de lazer, possibilitando ao sujeito a expressão de sentimentos e performances, assim como, de produção de culturas e aprendizagens.

Nesta perspectiva, a ludicidade na cidade é evidenciada como um terreno fértil de análise de espaços brincantes e de diversão no que se refere ao entretenimento e lazer (CASTRO, 2014), pois são definidores de territórios lúdicos. Segundo a autora, trata-se de um recente fenômeno denominado de ludificação, em que os territórios passam a ser considerados como “[...] lugares/cenários edificadas de raiz para serem usados como espaços de entretenimento e de consumo programado”. (BAPTISTA, 2005, apud, CASTRO, 2014, p. 08). Nessa visão, cumpre às cidades cuidar do aparelhamento específico para a competição com as demais cidades; haja vista que, nas últimas décadas, o tempo e o espaço destinados às múltiplas atividades de tempo liberado para o lazer, como em praças e outros locais urbanos, foram essencialmente modificados em função de graves fenômenos bastante conhecidos, quais sejam: a violência, a presença de estranhos, drogas, atividades ilícitas, tráfego de veículos, entre outros fatores que parecem ser ameaças universais no mundo moderno (CONTRIM; BICHARA (2012).

Contudo, a nova perspectiva de compreensão acerca do modo de vida lúdico urbano, compreende que os espaços públicos, como as praças e parques são excelentes locais para serem ludificados. Assim, são definidos de territórios lúdicos, espaços que sejam capazes de propiciar diversão e prazer, e que sejam sinônimo de realização pessoal. Promover ludicidade para as pessoas em espaços públicos, trata-se de um bem universalizado que se transforma em capital lúdico, tão importante e necessário para todas as crianças, quanto o são os capitais econômico, social e cultural (CASTRO, 2014).

[...] é função dos espaços públicos promover a igualdade de oferta e de oportunidades a todas as crianças, sem distinção socioeconômica: espaços de qualidade que possibilitem o brincar livre, em segurança, em contato com o urbano e a natureza, para a vivência do coletivo, da urbanidade e da cidadania (DIAS E FERREIRA, 2015, p.125).

Uma configuração de cidade aberta para o lúdico, gera para as crianças momentos de lazer, recreação, jogos e produção de cultura. São espaços públicos apropriados para/pela população, principalmente a infantil, possibilitando a educação; e “o desenvolvimento da cidadania urbana, na qual o espaço público deixa de ser ‘espaço de ninguém’ para ser ‘espaço de todos’” (DIAS E FERREIRA, 2015, p. 126). Por fim, a qualidade de uso desses

espaços públicos como territórios lúdicos, ocorre pelas relações sociais neles estabelecidas, “sua capacidade de acolhimento, principalmente aos grupos heterogêneos, e sua capacidade de estimular identificações simbólicas, bem como de expressão e da integração cultural”, como afirma Castro (2014, p.6).

Caminhos metodológicos utilizados no estudo

A pesquisa foi desenvolvida com base nos princípios qualitativos e teve caráter descritivo e exploratório, sendo ancorada na epistemologia da Sociologia da Infância, com outras áreas das ciências humanas, como Sarmiento (2004; 2005), Brougère (2002; 2004; 2006; 2012), que consideram as crianças como sujeitos sociais de direito pleno, que sejam capazes de colocar-se frente às experiências vivenciadas em seu cotidiano.

A base metodológica deste estudo é a análise documental. Esse dispositivo é considerado como uma preciosa técnica na abordagem dos dados expressivos, pois pode complementar as informações obtidas por outras técnicas, ou mesmo desvelar aspectos novos de um tema ou problema, na busca de identificação de informações, com base em fatos e documentos, a partir de questões e hipóteses de interesse. (LÜDKE, ANDRÉ, 1986). Nessa pesquisa, os documentos utilizados como base para análise, foram os relatórios e registros fotográficos, apresentados por estudantes Pedagogia de uma instituição de ensino superior do estado da Bahia.

As discentes realizaram os registros fotográficos, com base em divisão por bairros. Desse modo, foram selecionados cinco bairros (Pompilho Sampaio, Jequiezinho, Joaquim Romão, Mandacaru e Cidade Nova), para que as graduandas os visitassem e fizessem registros escritos e fotográficos acerca dos espaços e tempos de lazer e ludicidade existentes nesses lugares públicos. Foram elaborados relatórios descritivos, nos quais constavam as brincadeiras relacionadas a diversos aspectos espaciais, sociais e culturais de cada bairro. Analisaremos, neste trabalho, as manifestações lúdicas descritas no relatório A, que descreve a quadra poliesportiva do bairro Mandacaru, e relatório B, com a descrição da praça do bairro Jequiezinho.

Optamos por selecionar somente esses dois relatórios, pois, apresentavam descrições que destacavam características dos espaços públicos lúdicos, tanto em termos físicos, quanto sociais, objetos presentes e a participação de crianças e adultos nestes ambientes; assim

como, um levantamento dos espaços lúdicos planejados para o uso infantil e locais não planejados para crianças, mas ocupado por elas.

Cenários lúdicos para as crianças encontrados na cidade de Jequié-BA: análises iniciais da pesquisa

A ludicidade constitui um traço fundamental das culturas infantis. Brincar não é exclusivo das crianças, é próprio do homem e uma das suas atividades sociais mais significativas. Porém, as crianças brincam, contínua e abnegadamente (SARMENTO, 2004), porque é no brincar que a criança experimenta a essência do ser/estar-junto-com, e a existência concreta forma um misto composto de elementos singulares da vida cotidiana. É por meio do brincar que elas adquirem experiências e desenvolvem seu conceito sobre o mundo, pois trata-se de uma ação que as motiva a explorar, experimentar e a recriar. (CARDOSO, 2018).

O brincar é um reflexo “da própria criança, do lugar que ela ocupa e da relação que ela mantém com o mundo” (BROUGÈRE, 2004, p. 14). Trata-se da diversidade de coisas que se realiza reelaborando sentidos e significados para aquele momento que vivencia. Contudo, há uma negatividade constituinte da infância, que, em larga medida, sumariza esse processo de distinção, separação e exclusão do mundo social. A palavra de origem latina infante (não falante), conforme Sarmiento (2005), já revela o papel silenciado reservado às crianças. Nesse sentido, é fundamental avaliar a relevância e as possibilidades da ludicidade na configuração de espaços público e participação infantil na vida social e nestes territórios. Pois, mais do que uma questão de infraestrutura, a qualidade dos espaços de brincar e lazer numa cidade, está relacionada com a interpretação que o município dá a essas indispensáveis alternativas para a formação humana.

Neste estudo, enfocamos a ludicidade nos espaços públicos da cidade de Jequié-BA, especificamente, nos bairros e ruas em que os registros foram desenvolvidos, localizados na periferia da cidade, com a preponderância de pessoas de classe média e baixa. Neste texto, analisaremos o bairro periférico Mandacaru e o bairro Jequezinho, que apresentam condições de ocupação distintas para seus espaços públicos lúdicos, sendo eles improvisados e planejados.

No que diz respeito aos espaços públicos improvisados e espaços planejados, Pimentel (2015, p. 708), define da seguinte forma:

Compreendem-se por espaços improvisados aqueles que passam por intervenção dos participantes momentos antes da realização das brincadeiras (são pequenos espaços recuados, próximos ao meio fio das calçadas, ou qualquer área que ofereça proteção do trânsito de automóveis no local). Compreendem-se por espaços planejados aqueles que foram criados por ações dos poderes públicos, com o objetivo específico de oferecer condições de lazer para as situações de convívio urbano (praças, parques e jardins espalhados pela cidade, sobretudo).

Dos bairros escolhidos, selecionamos cenários lúdicos que podem ser identificados como: A praça esportiva – O Cereção (bairro Mandacaru) e “A praça do amor” (bairro Jequiezinho)

a) Praça esportiva “O Cereção”

O território lúdico do bairro Mandacaru foi identificado como um espaço planejado pela prefeitura, com a praça esportiva Cereção para atender “*um público estimado em cerca de 200 atletas de várias faixas de idade*”¹. Contudo, inicialmente, este espaço foi improvisado pelos moradores e continua ainda pelas crianças, para construção de suas brincadeiras. O Cereção, inicialmente, chamado de “Campo Quina Pra Lua” foi construído em 2002, de forma improvisada pelos moradores do bairro. Utilizando-se de um terreno baldio e sendo instalada a energia de forma irregular, foi tornando-se uma área de lazer e de ludicidade sem segurança para as crianças e seus usuários, por falta de um sistema elétrico adequado, prejudicando a utilização da praça esportiva. Conforme a Figura 1 e Figura 2, podemos perceber que o campo é de areia, e que neste espaço,” [...] *crianças, jovens e adultos vão para o campo realizar algum esporte, andar de bicicleta, brincar, caminhar e jogar conversar fora.*²

Figuras 1 e 2 - Fotos do Campo “O Cereção”



Fonte: Fotografias cedidas pelas graduandas, 2018.

¹ Conforme dados do Relatório A

² Conforme dados do Relatório A

É conveniente ressaltar a importância desses terrenos baldios, que necessitam, nada além de limpeza e saneamento, mas que podem assumir para a criança "ares de mistério e aventura" (SERPA,1995, p.202). Contudo, ao criar, diversificar e valorizar seus espaços públicos, a cidade converte-se em um espaço físico carregado de identidade; além, de tornar-se um lugar apropriado para as crianças viverem suas práticas cotidianas. Torna-se ainda “mais que um espaço concreto: é vivido, subjetivado, ressignificado, torna-se parte de seu espaço, seu lugar” (DIAS, FERREIRA, 2015, p.126).

De um lugar improvisado, a praça Cereção passa ser um espaço planejado pela Secretaria de Esportes da Cidade. Conforme é descrito no relatório A.

A Prefeitura de Jequié, através da Secretaria de Esporte e Lazer, realizou a reforma completa de todo o sistema elétrico. A ligação da energia elétrica foi regularizada, passando a contar com um ponto exclusivamente para o campo. Os refletores passaram por uma revisão técnica e as lâmpadas queimadas foram substituídas por novas. Foi realizada a troca de toda fiação elétrica que, a partir de agora, é subterrânea, o que evita desgaste com as intempéries. Foram recuperadas as traves, o gradeamento dos alambrados e os bancos de reservas foram restaurados.

Figura 3 - Foto do Campo “O Cereção” reformado



Fonte: Fotografia cedida pelas graduandas, 2018.

Apesar de convidativo a todos, os espaços lúdicos não devem ser planejados e organizados apenas para atender aos interesses dos pais ou dos adultos, mas sim às necessidades e subjetividades das crianças (DIAS; ESTEVES JUNIOR, 2017, p. 646). Por isso, compreendemos que uma quadra de futebol não é um espaço público lúdico e de lazer preparado para criança de modo a interligar o campo cognitivo com os campos do

relacionamento e da afetividade, da imaginação, do movimento, de modo a estabelecer uma conexão entre o desenvolvimento e a aprendizagem, entre as diferentes linguagens simbólicas, a autonomia individual e interpessoal (HORN, 2004).

Segundo Bondioli e Gariboldi (2012, p.30), a qualidade da estruturação espacial para crianças “está relacionada a uma análise das exigências infantis fundamentada nas categorias de intimidade/segurança e exploração/descoberta”. Esses elementos devem ser favorecidos pelo planejamento dos espaços públicos, a fim de que a criança seja imersa em um ambiente harmonioso que lhe permita experiências de imaginação, exploração e descoberta. Por isso, as crianças necessitam de instrumentos para suas brincadeiras, pois todo o brincar funciona segundo um sistema de regras explícitas ou implícitas e que pode ser materializado em objetos (brinquedos), conforme defende Brougère (2006).

Dessa forma, compreendemos que um espaço público para as crianças brincarem, necessita ser um lugar organizado com materiais diversos, com canos, areia, árvores, madeiras, plantas; além de ser bonito, também é altamente peculiar. Ao brincar, a criança contesta, modifica, amplia e o transforma: enfim, ela cria ideias sobre esse mundo, revelando carências, interesses, desejos e experiências.

b) “A praça do Amor”

A praça do Amor, fica localizada no Loteamento Vicente Grilo, Bairro Jequiezinho, na Cidade de Jequié-BA. Este cenário lúdico pode ser identificado com um lugar improvisado, pois foi criado pelos moradores. Porém, mesmo que este espaço tenha sido construído de forma espontânea ele “*representa para os moradores do Bairro, um espaço de lazer e diversão, garantindo tanto as crianças, quanto aos adultos, um espaço de brincar, com uma organização e estrutura bem peculiar*”³. Tal compreensão, pode ser percebida, também, por outras pessoas que não sejam moradores do bairro, pois a organização de uma ambiência brincante pode ser reconhecida como um lugar constituído de vida, ação, motivação, prazer e de experiências entre crianças-crianças-adultos (CARDOSO, 2016).

Esta praça foi construída com recursos improvisados, “com materiais não estruturados (sucata reaproveitável) – nome dado por não serem brinquedos

³ Conforme dados do Relatório B

industrializados”, como explica Cardoso (2018, p.73). Conforme a Figura 4, um espaço lúdico com recursos improvisados, porém, com a presença da paisagem e da natureza: areia, terra, árvores, flores; animais, água, sons e aromas, sol, sombra e brisa e, se possível, equipamentos lúdicos de qualidade (DIAS, FERREIRA, 2015).

Figura 4 - Foto Da praça do Amor



Fonte: Fotografia cedida pelas graduandas, 2018.

Por mais limitados que sejam os recursos, por serem materiais já reaproveitáveis, é importante perceber que, a praça do Amor, um ambiente planejado no espaço público, não subestimou as possibilidades das áreas infantis, pois apresenta intervenções que “podem permitir excelentes experiências lúdicas que explorem aspectos sensoriais, emocionais e/ ou simbólicos do espaço, que recordam que a cidade é para brincar” (DIAS; ESTEVES JUNIOR, 2017, p. 645). Ela pode ser identificável, ainda, como tempo/lugar instituído de elementos fundamentais de aprendizagens, que são, de um lado, ações da criança, e, de outro, os objetivos, ideias e valores sociais representados pela experiência do adulto (DEWEY, 1967).

Conforme Dias e Esteves Junior (2017), basta dedicar interesse e criatividade ao seu planejamento, entendendo o potencial dos espaços públicos para tornarem-se espaços de desfrute e aprendizagem. Como podemos ver no documento abaixo:

O local antes, era um grande terreno em frente às casas da localidade. No espaço tinham algumas árvores e plantas rasteiras e era pouco iluminado. A iniciativa de Dona Zizi, foi abraçada pelos demais moradores, que começaram a planejar juntos, algumas ações para a construção da Praça, como Bingos, para arrecadar fundos. Através dessas ações e de algumas doações dos moradores e alguns membros da sociedade, a Praça foi ganhando forma, aos poucos, os moradores foram construindo o que hoje é denominada de “A Praça

do Amor". Hoje, o local é bem iluminado e recebe também os moradores durante a noite, algo que antes não acontecia devido à pouca iluminação. A praça é frequentada, por crianças, adolescentes, jovens e adultos, diariamente, pessoas que residem no entorno da Praça, e outras que moram mais distante.

As intervenções em mobilidade urbana e espaços públicos livres, resultam em uma alta qualidade de vida urbana e no surgimento de um sentimento de pertencimento e orgulho da população, que possibilita, aos moradores não só o desfrute e a autoexpressão, mas também o cuidado com seus espaços públicos (DIAS; ESTEVES JUNIOR, 2017, p. 656). Desse modo, a iniciativa popular na construção do território lúdico supracitado, demonstra que os moradores almejavam a presença de um ambiente potencializador de lazer para todas as faixas etárias. Além disso, a construção coletiva da praça resgata o senso de identidade, de cidadania participativa, de desejo de ser-agir-constitui-se com o outro.

Conforme as Figuras abaixo, na praça do Amor, encontramos balanços, gangorras, casinha de madeira (Figura 5), moto feita de pneus (Figura 6), mesa com bancos, mesa de dama feita com pneus (Figura 7), amarelinha (Figura 8), local com areia, plantas e flores, minhocão, bule e xícaras, tudo feito utilizando pneus e madeiras como base, aproveitando materiais reutilizáveis para uma ação também sustentável.

Figura 5- Casinha de madeira



Figura 6 - Moto de pneus



Figura 7- Mesa de dama



Figura 8 - Amarelinha



Fonte: Fotografias cedidas pelas graduandas, 2018.

Diante do exposto, percebemos que os movimentos sociais e comunitários refletem de forma contundente nas experiências de vida urbana das crianças, que frequentemente estão sendo apartadas da rua e de outros espaços públicos, perdendo a dimensão do espaço público como lugar de encontro, de convívio, de vivências, de jogos livres e brincadeiras, do contato com a natureza. A praça do Amor, nesse sentido, tem se configurado como um ambiente planejado, de resgate do lúdico em espaços urbanos, com base em iniciativa popular, a fim de que não somente as crianças, mas pessoas de todas as faixas etárias, tenham a possibilidade de interagir com seus pares, resgatando as relações intersubjetivas. Por outro viés, analisamos que, mesmo diante do fato de a quadra esportiva o Cereção, ter sido construída pela prefeitura do município em foco, para atender a interesses dos adultos, as crianças aproveitam as oportunidades para realizarem brincadeiras, o que denota a necessidade de autoexpressão infantil nos espaços públicos.

Considerações

As análises iniciais desse estudo, com base nos documentos dos relatórios das observações, sinalizam sobremaneira, que a ludicidade nos espaços públicos da cidade de Jequié-Ba é promovida em ambientes ricos para as crianças, porém há a necessidade de constituírem-se em lugares com possibilidades de (re) criação de numerosas e diversificadas alternativas de brincadeiras, para desenvolver o imaginário e as fantasias, possibilitando o desenvolvimento integral da criança. Essa ambiência precisa ser reconhecida pelas crianças como um espaço feito por elas, ou seja, não é somente um espaço para ser frequentado, mas sim construído por todos que o frequentam.

Os achados apontam, ainda, para lacunas existentes em relação a espaços públicos planejados por adultos, pois estes, muitas vezes, não dão oportunidades às crianças de criar brincadeiras do tipo manipulável, simbólica e motora. Embora reconheçamos a relevância e potencialidade lúdica dos espaços analisados, em suas especificidades e formas de constituição. Fica constatada a necessidade de serem revistos, para garantir a possibilidade de assegurar de forma efetiva, um ambiente com qualidade. As crianças necessitam de lugar de segurança, de brincadeira, arte, movimento e liberdade; lugar este para desenvolver o imaginário e as fantasias, de forma gratuita e natural, proporcionando a ação da experiência,

do prazer e da alegria, o que, conforme o estudo, é mais favorecido pelo espaço denominado praça do Amor.

Enfim, compreendemos que o resgate do brincar, nas arenas públicas das cidades, requer esforços conjuntos e contínuos, entre a gestão local e a comunidade, a fim de que sejam levadas em consideração as necessidades, singularidades e desejos das crianças e outras faixas etárias a que se almeja atender.

Portanto, a discussão sobre os espaços lúdicos nas cidades, e sua potencialidade para a plena expressão das dimensões socioculturais, emocionais, motoras e psicológicas infantis, por meio do brincar, é um tema que merece atenção pelos pesquisadores, pois inclui a reflexão sobre oferecimento e a qualidade dos espaços lúdicos infantis e nesse sentido, só ampliaremos nossa compreensão sobre o que é preciso assegurar às crianças, a partir do debate consciente sobre os aspectos que envolvem a temática.

Referências

BONDIOLI, A.; GARIBOLDI, A. A vida cotidiana na creche. In: FARIA, A.L.G.(Coord.) **Ideias orientadoras para a creche: a qualidade negociada**. Coleção Formação de Professores Série Educação Infantil em Movimento. Campinas: Autores Associados, 2012.

BROUGÈRE, G. **Jogo e Educação**. Porto Alegre; Artes Médicas, 1998.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Companhia**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Brinquedo e cultura**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BROUGÈRE, G. **Laser e Aprendizagem**. In:_____.

ULMANN, A.L. (Org.). **Aprender pela vida cotidiana**. Tradução de Antônio de Paula Danesi. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.pp.128-140. (Coleção Formação de Professores)

CARDOSO, M. C. **Baú de memórias**: representações de ludicidade de professores de educação infantil. 2008. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia Programa Faculdade de educação, Salvador, BR-BA, 2008.

_____. Espaços organizados para brincar na creche: ambiente de experiências, relação e aprendizagem. **Educon**, Aracaju, Volume 10, n. 01, p.1-12, set/2016 http://anais.educonse.com.br/2016/espacos_organizados_para_brincar_na_creche_ambiente_de_experienci.pdf

_____. Catadoras do brincar: o olhar sensível das professoras acerca do brincar livre no ensino fundamental I e suas ressonâncias para a profissionalidade docente. **Tese (doutorado)** – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2018. 212 f. : il.

CASTRO, A.M.R.M.O uso lúdico do espaço público: um tempo no Parque Municipal Américo Renné Giannetti. **Anais do 29ª Reunião Brasileira de Antropologia**, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN. Disponível em: http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402004456_ARQUIVO_OUSOLUDICO_DOESPACOPUBLICO.pdf . Acessos em 04 mar. 2019.

CONTRIM, G.S.; BICHARA, I.D. O brincar no ambiente urbano: limites e possibilidades em ruas e parquinhos de uma metrópole . **Psicol. Reflex Crit.** [online]. 2013, vol.26, n.2, pp.388-395. ISSN 0102-7972. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722013000200019>. Acessos em 04 mar. 2019.

D'ÁVILA, C. M.; CARDOSO, M. C.; XAVIER, A. A. S. O brincar livre na escola ensino fundamental. In: D'ÁVILA, C; FORTUNA, T. R. (Org.). **Ludicidade, Cultura Lúdica E Formação De Professores**. Editora CRV, Curitiba, 2018. p. 63-85.

DE MAIS, D. **A economia do ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

DIAS, M. S.; FERREIRA, B. R. Espaços públicos e infâncias urbanas: a construção de uma cidadania contemporânea. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**–Anpur. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22296/2317-1529.2015v17n3p118>. Acessos em 8 mar. 2019.

DIAS, M. S. e ESTEVES JUNIOR, M. O espaço público e o lúdico como estratégias de planejamento urbano humano em: Copenhague, Barcelona, Medellín e Curitiba. **Cad. Metrop.** [online]. 2017, vol.19, n.39 [citado 2019-03-09], pp.635-663. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2017-3912>. Acessos em 8 mar. 2019.

HORN, M. G. **Sabores, cores, sons aromas: organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEAL, L. A.; D'ÁVILA, C. M. A ludicidade como princípio formativo. **Interfaces Científicas, Educação**, Aracaju. V. 1, 2. p. 41-52. Fev. 2013.

LOPES, M. C. Design de ludicidade: uma entrevista com Conceição Lopes. **Aprender - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação**. Vitória da Conquista, Ano IX, n. 15, p. 137-156, jul./dez., 2015.

LUCKESI, C. C. **Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna**. 2005a. Disponível em: <www.luckesi.com.br>. Acesso em: 13 jun. 2017.

LUCKESI, C. C. Ludicidade e formação do educador. **Revista entreideias**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, jul./dez. 2014.

PIMENTEL, ÁLAMO. Brincadeiras de rua, convivência urbana e ecologia dos saberes. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 62, p. 703-721, set. 2015. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782015000300703&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 04 mar. 2019.

VULBEAU, A. A educação ao longo da cidade. In: BROUGÈRE, G. ULMANN, A.L. (Org.). **Aprender pela vida cotidiana**. Tradução de Antônio de Paula Danesi. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. pp. 36-47 (Coleção Formação de Professores)

SABOYA, R. **Espaços Lúdicos**. Artigo publicado no Blog: Espaço para discussões, reflexões e notícias sobre a teoria e a prática do Urbanismo, Planejamento Urbano e Planos Diretores, no dia 3/6/2007. Disponível em: <http://urbanidades.arq.br/2007/06/espacos-publicos/> Acessos em 04 mar. 2019.

SARMENTO, M. J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. In: _____;

CERISARA A. B. (Org.). **Crianças e miúdos: Perspectivas sociais pedagógicas da infância e da educação**. Porto: ASA, 2004. p. 9-34.

SERPA, A. Apropriação do espaço urbano pela criança: a importância do jogo lúdico. **Paisagem Ambiente Ensaios** São Paulo n. 8 p. 177 - 210 dez. 1995. p.177 -210. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i8p177-210> Acessos em 04 mar. 2019.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Marilete Calegari Cardoso

Doutora em Educação – UFBA. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação, Didática e Ludicidade – GEPEL. Professora Assistente do Departamento de Ciências Humanas e Letras; coordenadora do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação, Formação Docente, Infância, Leitura e Ludicidade (NEPEFILL/UESB), Campus Jequié, Universidade do Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: marilete.cardoso@uesb.edu.br

Ana Lúcia Santos Souza

Mestra em Educação em Ciências e Matemática – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- Brasil. Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação, Formação Docente, Infância, Leitura e Ludicidade (NEPEFILL/UESB), Campus Jequié-BA. E-mail: ubatense@yahoo.com.br

Maria Vitória da Silva

Doutora em Educação - Universidade de São Paulo - USP; Docente da Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- Brasil. Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação, Formação Docente, Infância, Leitura e Ludicidade (NEPEFILL/UESB), Campus Jequié-BA. E-mail: mariavitoria_s@hotmail.com